

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento so-
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

O aumento do preço das carnes foi um acto iníquo da Comissão de Abastecimentos

A carne de vaca aumentou de preço. Porquê? Asseveram os nossos informadores que a subida de preço do precioso alimento se deve ao facto da Comissão de Abastecimentos de Carnes autorizar o marchante a vender a 115\$00 a arroba. E' inteligente a medida desta comissão? E' o que passamos a ver.

O problema das carnes, como mais de uma vez e com números estatísticos o provamos, continúa insolúvel. Portugal não cria gado bovino suficiente para o consumo público. Para prover às necessidades do consumidor é mister importar do estrangeiro o quantitativo de rezes que cubra o «deficite» nacional.

Durante alguns meses assim se fez. A' Argentina, especialmente, iam buscar o que faltava para o consumo. Com esta medida Portugal regulava as suas necessidades públicas de forma a nunca se fazer sentir a carência do produto. Depois o gado exótico tinha ainda a vantagem de ser o regulador dos preços do gado nacional. Se os lavradores portugueses pretendessem distender os seus tentáculos o gado argentino era um obstáculo impeditivo desse desejo.

Assim se viveu durante algum tempo, e as carnes mantiveram estáveis os seus preços. Depois principia a desenharem-se por parte dos lavradores e dos marchantes um movimento contra a carne argentina. Que o gado exótico não prestava, dizia-se. E o governo do dr. Domingos Pereira, cedendo às sugestões dos ditadores das carnes, proclamou o regime de fome das carnes, proibindo a importação.

Daí para cá é o que se tem visto. Os marchantes, sem a concorrência do gado argentino, provocaram a falta das carnes. Quem quizesse adquirir uma pequena fracção de carne tinha que perder um dia inteiro.

Enquanto isto se passava, o pouco gado que era criado em Portugal subrepticamente seguia para Espanha, comprado pelos marchantes espanhóis, a-pesar-de só estar permitida a exportação de gado lanífero e suíno.

Viviam neste regime de fome quando se nos deparavam duas medidas oficiais. O ministro da Agricultura autorizando a importação de 1.200 bovinos adultos e a Comissão de Abastecimento de Carnes autorizando o aumento de vinte centavos no preço da carne de vaca.

Escusado será referir que imediatamente à notificação das deliberações do ministro da Agricultura e da Comissão de Abastecimentos de Carnes os marchantes não mais faltaram com gado. Todos os dias no Matadouro Municipal há um saldo de bovinos. Anteontem, por exemplo, ficaram por abater naquele estabelecimento mais de 60 rezes. E porquê?

Porque o gado argentino está próximo, e os marchantes, aproveitando-se da autorização concedida pela Comissão de Abastecimentos, impingem todo o gado que possuem não vá perder-se esta excelente maré...

Por tudo o que fica dito verifica-se que o aumento do preço das carnes foi ilegítimo.

A Comissão de Abastecimentos de Carnes, talvez para servir amigos, procedeu iniquamente, menosprezando os interesses do consumidor, exactamente no momento em que o gado argentino é já uma sombra negra para os marchantes.

Por todos estes motivos o gesto da referida comissão só merece os nossos vivos protestos, que são os protestos de todos os consumidores vítimas da lavoura e da marchantaria.

Notas & Comentários

Processos repugnantes

A imprensa venal está sempre pronta a especular com o crime para aumentar a sua tiragem, corrompendo a opinião pública. A morte da actriz Maria Alves já não reveste o aspecto misterioso que interessou a opinião pública. Está passando de moda. O desastre sofrido pelo filho do visconde de Asseca está-lhe servindo de admirável pretexto para mais um filme misterioso. Pretende-se já inventar crime praticado num túnel como nos romances perniciosos de Sherlock Holmes. Estes processos jornalísticos são repugnantes.

Um presidente enervado

O presidente do ministério—como de resto ninguém ignora—está cada vez mais ridiculizado e desacreditado. Ontem algumas das suas explicações habitualmente emburalhadas, sobre o roubo das carteiras dos jornalistas que ele praticou, provocaram ruidosos protestos dos esquerdistas. A-pesar-do barulho que estes faziam batendo nas carteiras tentou ainda fazer-se ouvir. Não conseguiu. O barulho ensurdecedor aumentou e o presidente de ministério sempre a temar. Por fim, depois de barafustar no vazio, dissimulou de falar. E ninguém mais lhe ligou importância.

Não esqueçamos

Devia ter chegado ontem a Lisboa, no sud-express um delegado do Procurador da coroa holandesa. Vem conferenciar com o conselheiro Alves Ferreira e seus colaboradores acerca do caso Angola e Metrópole-Banco de Portugal. Entre os documentos que traz consigo figuram ao que parece os originais dos célebres contratos de que Alves Ferreira não possui senão umas fotografias que não se sabe se são autênticas. Não esqueçamos, entretanto, que foi apenas com essas fotografias de hipotética autenticidade que o conselheiro se permitiu afirmar que o Banco de Portugal era alheio à emissão das notas. Não o esqueçamos.

A sugestão do crime

Ontem à tarde o Agostinho Gomes e o infeliz «chauffeur» João Fernandes foram acorrentados no edifício da Boa Hora. Pois este pequeno facto bastou para precipitar pela rua Nova do Almada uma onda de multidão ansiosa. Vieram polícia e guarda republicana a cavalo vigiar aquele local para conter o povo que pretendia invadir o edifício sórdido do palácio da Justiça. De quando em vez os cavalos da guarda espirotaavam e esse gesto inocente era o bastante para fazer debandar algumas dezenas de populares. Entre o povo encontravam-se muitas jovens bonitas e bem postas, os lábios trémulos de ansiedade, os olhos escuros, luzidios e ávidos. As velas tão cheias de curiosidade e tão bonitas, pensamos que talvez haja garotinhos móbidos capazes de cometer um repugnante crime só para saberem que rostos e olhos idénticos aguardariam, numa tarde como a de ontem, a sua passagem sinistra.

Uma caverna assaltada

O povo começa a exprimir o seu descontentamento pela vigância das senhas recuperáveis—que, afinal, não se recuperam senão raras vezes. Ontem, na Praça de Luís de Camões, foi assaltada uma dessas cavernas.

UM CASO TENEBROSO

O scelerado Farinacci foi sacrificado à glória do seu amo Mussolini

PARIS, 8.—Destruíu-se o melhor símbolo da fúria criminosa do fascismo. O violento Farinacci foi apêdo do seu lugar de dirigente supremo do partido nacional fascista, mas esta queda ruidosa—é intuitivo—não significa que o fascismo se prenda para a brandura.

A queda de Farinacci tem vários motivos, dos quais se sobressaem a rivalidade de Federzoni e o conflito diplomático com o Vaticano. Como já tive ocasião de explicar, a popularidade fascista de Farinacci despertou a adversidade do velho Federzoni, actual ministro do interior, nacionalista que muito tarde se chegou ao fascismo.

Federzoni ligou-se estreitamente aos católicos, que não suportavam a prosápia agressiva de Farinacci.

O pretexto que deu a vitória a Federzoni depressa se apresentou. Nada mais desgraçado foi para a predominância do fogoso secretário do partido fascista que essa violenta e intempestiva polémica com o Vaticano e com o seu órgão oficioso *Osservatore Romano*.

O cardeal Gasparri foi o objectivo dos ataques impetuosos dos jornais de Farinacci, forçando o papa a solidarizar-se ostensivamente com o seu secretário. Esta situação comprometeu gravemente a política de Mussolini para com a Igreja. O cardeal Gasparri tem uma aversão pelos fascistas, aversão que dissimula com a sua astúcia diplomática.

Imagine-se a luta que a diplomacia de Mussolini tinha de manter para proporcionar ao fascismo o usufruto desse poder político universal que é o papado. Ao decidir a proposição da cruz sobre o Capitólio e sobre o Coliseu e ao introduzir o ensino religioso nas escolas, o despota apenas via assegurar-se do apoio, ou pelo menos da neutralidade do Vaticano, amando a oposição que lhe faz uma grande parte dos católicos.

O que foi a carreira de Farinacci

Farinacci encarnava a criminalidade do fascismo, era o homem que só vivia para o seu partido e para o seu chefe. Havia sido ferroviário, maçom, socialista, e por muito tempo um protegido do chefe reformista Bissolati. Mobilizado durante a guerra, escasso tempo passou nas trincheiras, o que não obsteu a que Mussolini, mais tarde, lhe conferisse a cruz de guerra.

Bissolati faleceu e logo Farinacci se passou ao fascismo, sendo virtualmente o dirigente na sua província natal—Cremona. Inculto, e até mesmo iletrado, pois nem sabe redigir correctamente o seu idioma, impôs-se pela sua energia e pela sua audácia. Dominou tanto em Cremona que os partidários, recordando-lhe o tempo que passou na Abissínia, o alcunharam de *ras* (do árabe, significando chefe supremo).

Curiosos aspectos da contradição crise económica que lavra na Rússia

O problema da mão-de-obra nunca deixou de preocupar a Rússia, desde a revolução. Ultimamente, as autoridades no assunto têm examinado a questão, numa sucessão de conferências extraordinárias.

O referido problema apresenta um duplo aspecto: duma parte, constata-se nas cidades o afluxo incessante dos camponeses que procuram trabalho nas fábricas, o que provoca uma permanente crise de trabalho na mão de obra não qualificada; doutra parte, os operários especializados abrem brechas em todos os ramos de indústria, assim se entravando gravemente a marcha da produção e produzindo a má qualidade dos produtos fabricados. E', enfim, uma situação paradoxal.

No que respeita à crise de trabalho entre as profissões manuais, as autoridades nada conseguiram atenuar, a-pesar-do seu empenho. Para dizer a verdade, é impossível remediar, num país cujo solo se explora mal e não basta para alimentar os agricultores e que, entretanto, sofre de uma crise que se pode chamar de *super-natalidade*. Assim, sabe-se que mais de 20 milhões de camponeses não têm em que tornar produtivo o seu esforço. A crise económica perdurará enquanto andar empobrecida a agricultura.

Sob o ponto de vista industrial, a falta de mão de obra especializada é um fenómeno social muito grave.

Para que se possa cumprir o programa industrial de função normal, deveriam existir 157.000 operários especializados e 100.000 semi-especializados a mais do que se conta na Rússia.

Nas indústrias têxteis, sente-se a falta de 72.700 operários especializados; na metalurgia, 60.600; nas minas, 17.000; nas refinarias de açúcar, 4.500; na indústria do mobiliário, 15.000; etc.

Onde encontrar a mão-de-obra que falta? Na Rússia existem, é certo, numerosas escolas profissionais, mas elas não estão habilitadas a especializar 20.000 operários por ano. Nem podem elevar muito o nível técnico a ponto de evitar um rendimento mediocre do aproveitamento da mão de obra.

A-pesar-de as autoridades soviéticas apelarem para a disciplina, a situação não melhorou um ápice. O governo bolchevista quer atrair para os sócios operários estrangeiros especializados; dirigiu-se primeiramente aos alemães, vítimas de uma prolongada crise de trabalho, os quais desejam agora saber em que condições lhes é dado trabalhar.

A generosidade burguesa

PARIS, 15.—O Conselho Superior dos Caminhos de Ferro votou para Maio um aumento de 6 por cento nas tarifas para fazer um aumento de salário e pessoal.—L.

Farinacci organizou na Cremona a ofensiva armada dos proprietários e rendeiros contra os jornaleiros, tendo incendiado a herdade do deputado Miglioli, que apoiava os jornaleiros. Este crime odioso provocou no parlamento um agitado debate que derubou o último governo parlamentar, presidido pelo sr. Facta. E foi assim que Farinacci entrou na História...

Quando o fascismo triunfou, Farinacci desdenhou as grandezas romanas e permaneceu na Cremona. Fundou um jornal, *Cremona Nuova*, e nele defendeu o fascismo ortodoxo, intransigente, repelindo toda a ideia de «normalização». Senhor absoluto da Cremona, ele exigiu abruptamente grossas quantias aos proprietários e industriais, dizendo que era em proveito do partido. Tornou-se forçada a leitura ou a compra do seu jornal, uma parca folha de couve.

No começo de 1925, Farinacci assume a direcção do partido, transformando-se num dócil instrumento de Mussolini um homem que tanta independência havia mostrado na Cremona. Nesse momento, o fascismo atravessava uma fase crítica por causa do assassinato de Matteotti e do protesto ruidoso e enérgico que se operou em Itália e no estrangeiro.

O fascismo sofreu um cheque no seu prestígio: a população das cidades e dos campos começou descrendo da moralidade, do patriotismo e da justiça do regime. E Mussolini apavorou-se diante do protesto público, chegando a uma mobilização geral das milícias para o que desse e viesse. E viu-se então que as deserções atingiam três quartas partes dos efectivos!

Houve a necessidade de uma medida enérgica: afastar Farinacci. A circunstância começou sendo bem aproveitada por Federzoni. E as intrigas chocaram-se, cada um dos rivais procurando aniquilar o antagonista.

Farinacci prosseguiu na senda das ameaças e das injúrias, seguindo fielmente as indicações de Mussolini, quer reprovando, quer apoiando as violências dos fascistas. Foi o herói daquele período seguinte ao assassinato de Matteotti e quem se aproveitou da fraqueza e da ineptia dos aventureiros para aumentar a força de Mussolini. O ras de Cremona foi a alma danada dos assassinatos em massa, o que bateu o record do assassinio «legal».

Mussolini saudou uma vez o seu dedicado ajudante, o seu scelerado, chamando-lhe o *bravo de entre os bravos*. Mas como os antigos romanos que ridiculamente procuram imitar, Mussolini liquidou depressa o seu servo, logo que o interesse político assim lhe aconselhou.

E Farinacci, regressando ao segundo plano, à modestia de Cremona, caiu como um miserável, sem ter, ao menos, uma objurgatória...

Piccolo ROMANO

Cocheiros que vão abandonar as rédeas...

Os cocheiros vão sosegar. O perigo que ameaçava a existência desta classe está conjurado. A intranquilidade, que o aparecimento do «taxi» deu origem, cessou, devido aos inenarráveis esforços da direcção da Associação de Classe dos velhos condutores de tipóias. E porque vai surgir um porvir risonho para os cocheiros? Porque a sua associação solicitou o concurso da Associação dos «Chauffeurs», o qual consiste em ser facilitada aos cocheiros a aprendizagem necessária para poderem substituir as rédeas pelo volante, e aquele organismo de classe não reageu este concurso, como já nos fizemos eco há dias.

Faltava, como salientámos então, para a realização do sonho dos cocheiros um carro em que fizessem o indispensável tirocinio, visto já terem sido oferecidas a instrução profissional, pela Associação dos «Chauffeurs», e a instrução primária, pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria. Esse carro foi solicitado ao ministro da Guerra. E para que tudo corresse à maravilha os poderes públicos, ao invés do que é hábito suceder, deferiram imediatamente o pedido da Associação dos Cocheiros. Um carro «Renault», segundo notificação feita aquele organismo pelo chefe de gabinete do ministro da Guerra, foi cedido para os cocheiros fazerem os seus ensaios. Responsabilizam-se pelo estado de conservação deste carro as Associações dos Cocheiros e a dos «Chauffeurs» às quais, por estes dias, ser-lhe-á entregue o «Renault», mediante a assinatura do respectivo termo de posse. Depois da entrega do carro, essa centena de homens que durante anos teve como volante as rédeas, fará a necessária aprendizagem e ao futuro negro que durante dias tanto os atormentou suceder-se-á uma ridente era de esperança.

Os nossos camaradas Albino Ferreira e João Carvalho, respectivamente, presidente da direcção e secretário da Associação de Classe dos Cocheiros, estiveram ontem na nossa redacção, pedindo-nos para que agradecemos à Associação de Classe dos «Chauffeurs» e ao Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria o valioso auxílio que lhes dispensaram, e tão valioso éle foi que veremos dentro de poucos dias aumentar o número dos que honradamente vivem de guiar automóveis.

Uma manifestação comunista

PARIS, 14.—No decorrer das manifestações dos funcionários comunistas, foram presas 300 pessoas, mas apenas duas dessas presas foram mantidas, tendo a manifestação terminado às 20 horas.—H.

Outro partido republicano burguês

DUBLIN, 15.—O sr. De Valera, ex-chefe republicano irlandês, formou um novo partido republicano.—H.

A INVASÃO NEGRA

A pacificação da família portuguesa é a área embaladora dos agentes leigos

No primeiro artigo, acerca da reacção católica, vimos como o Terreiro do Paço, e especialmente o ministério da Instrução Pública, se deixou invadir por agentes de Roma.

Vejamos agora a manobra cautelosa e a categoria dos que a ela se prestaram.

A obra de sapa começou meses antes do sidonismo. Contribuiu para um êxito certo a orientação do ministério do Interior que, desde o governo provisório, vinha impondo aos seus representantes nos distritos e estes aos dos concelhos e freguesias, uma política de aproximação e concórdia.

—E' necessário e urgente conseguí-la, dizia-se.

A dar alento à obra desse ministério, andava dia e noite subindo e descendo escada, um notável poeta, hoje morto, que a todos bradava em tom profético:

—A república ou faz política de tolerância religiosa ou se perde.

Ao que o ministro, com a autoridade que lhe davam os seus serviços à República, o seu lugar oficial, a sua categoria de chefe de partido e ainda a de director de um diário político, correspondia sempre, conclamando aos quatro ventos:

—E' urgente fazermos a pacificação da família portuguesa, aliás desaparecerá a própria nacionalidade!

A turba, ouvindo isto, sentia claramente passar-lhe na espinha o formigueiro precursor do arripio e consequente esfacelamento da medula.

E assim, de boca em boca, de centro em centro, de rua em rua, de terra em terra, a sinistra ameaça fez carreira, conseguindo-se deste modo, a tal concordia entre a família. No Parlamento, nos jornais, nas recepções, nas escolas, nos teatros, nas igrejas, nos cafés, nos carros, à lareira, na cama, toda a gente falava na harmonia. Ia dar-se, enfim, o grande acontecimento político.

Com efeito, a coisa era a valer. Viam-se por toda a parte os mais irreverentes livre-pensadores cair nos braços dos mais intransigentes e odiosos adeptos do Vaticano e da fogueira purificadora das almas!

Os que até ali pediam as tripas do último rei para com elas esganar o último papa, riam-se das suas antigas levandades, pedindo a Deus perdão por aqueles antigos destempestos, que só à conta de demência podiam e deviam ser tomados.

Nessa altura seguia para o Vaticano um ministro de toda a confiança, vindo até nós um núncio de toda a respeitabilidade, que logo deu chás e copos de água, paranimfando, seguidamente todos os grandes filhos e filhas da República, desde esse momento boa pessoa, temente a Deus e, como tal, respeitadora dos poderes da Igreja, cuja magestade reconhecia com prazer.

Estava isto assim, arranjadinho, com todos os *bons* republicanos socegados, a rper o quinhão do grande queijo nacional, quando começaram a circular certos boatos de mil diabos.

Que a Universidade de Coimbra, por exemplo, colocada no centro do País com um corpo docente cuidadosamente joieiro pelo crivo das altas conveniências de Deus e da Igreja, era um dos grandes agentes da desforra.

Quem seriam os outros?

E começaram a aparecer, por toda a parte, desde a mais humilde escola primária ao mais vasto instituto de ensino universitário, onde os agentes leigos trabalhavam com tanto zelo e arrebatafé, que dentro em pouco todos nós ficamos assombrados à vista da mocidade que lhe vinha das mãos, aleijadinha até aos ossos.

Tais aleijões, porém, já não eram só obra de leigos, mas também de elementos congreganistas que, a princípio na sombra e agora em pleno dia, orientavam a manobra.

Para a concórdia? Para a tal pacificação da família portuguesa?

Repugna-me acreditar que os republicanos portugueses tenham sinceramente acreditado na boa fé de Roma, o que neste caso seria um verdadeiro pacto entre Deus e o Diabo. Porque entre o Vaticano e a República há, pelo menos, uma distância igual à que separa o velho Criador do seu Anjo rebelde.

E porque, a tal respeito, não acredito na sinceridade e boa-fé dos nossos homens públicos (seria ineptia de mais para bachareis que, pelo menos, aprenderam a viver à custa dos ingénuos)—tenho que fazer deles agentes de Roma e bons amigos da Companhia de Jesus.

E então está certo. Compreende-se o apoio dado ao elemento congreganista, que por toda a parte fura, se organiza e manda.

Compreende-se também o sistemático, o persistente esforço da República em limar as arestas de certas leis, a fim-de levar à tal conciliação da família.

Compreendem-se as mil e uma transigências, as mil e uma abdições no campo legal e doutrinário que orientou o movimento revolucionário de 1910.

Todavia, os nossos bachareis enganam-se. Roma ha-de comer a isca e sujar-lhe o anzol.

Lembro, a propósito, as palavras memoráveis que em 1904, na grande sala do Trocadero, Anatole France pronunciou, como um aviso a todo o homem livre:

«Vós, republicanos, socialistas, livre-pensadores; vós, ministros e representantes de uma República que recusa submeter-se à autoridade do papa, vós não tendes que esperar o seu perdão. Vós sois, a seus olhos, como se não existissem, pois que não sois católicos. Ela julgou-vos e condenou-vos, irrevogavelmente, aguardando apenas ocasião própria para executar a sentença.»

E, a terminar, o autor da *Thaïs* esclarecia, num aviso que era a experiência de toda a sua vida:

«Ela trabalha, prescreta, intriga, mina, calunia, inventa, mata.»

Já em 1902, quando em França se tentou, com os republicanos moderados, o que entre nós se está realizando com bom êxito, um que não era ingénuo, nem tólo, nem hipócrita, Elie Picot, soube definir a situação criada em termos de uma eloquência impressionante.

«O apasiguamento? perguntava ele a 9 de Junho, numa dessas jornadas memoráveis que cedo fizeram recuar a invasão negra. Não posso ouvir pronunciar esta palavra, esta bela palavra—sem que logo a desconfiança me tome. O apasiguamento, isto é, o regresso ao sono, ao esquecimento e ao desprêso de todos os grandes cuidados, de toda a nobre inquietude!»

«O apasiguamento, isto é, a letargia mortal, por cujo favor, na sombra e sem ruído, o eterno inimigo prossegue os seus trabalhos de assédio, invade, um a um, todos os acessos, até se introduzir, sem barulho, em plena praça!»

«Quando, há quatro anos, com a questão Dreyfus, o raio nos caiu em casa, estávamos bastante apasiguados. Ou antes—bastante vencidos. Tínhamos sobre o peito o joelho do jesuíta e à volta do pescoço os seus dedos enclavilhados. Para falarmos sem metáforas: tínhamos consentido que a Igreja se apoderasse do exército, da imprensa, dos tribunais, invadindo o Parlamento e a Universidade.»

«Alguns dias mais desta paz e seria na da morte que todos nós, para sempre, dormiríamos.»

Estas palavras não são aqui transcritas para que o poder as leia e medite, pois bem sabemos que não há pior cego que aquele que não quer ver. E' para o Povo que o fazemos, a-fim-de que não esqueça palavras e processos que foram ontem, são hoje e serão ainda, amanhã, absolutamente verdadeiros e eficazes.

Tomás da FONSECA

Em França já se defende o princípio de licenças gratuitas aos operários

A' Câmara dos Deputados francesa foi ultimamente apresentado um projecto de lei instituinte uma licença anual com vencimento para todos os trabalhadores.

O relatório que prefacia o projecto constata que os trabalhadores intelectuais, os funcionários do Estado, dos distritos e das comunas, assim como várias categorias de empregados, gosam, depois de alguns anos de serviço, de uma licença anual com vencimento. Não é justo, por isso, que se recuse estas licenças aos operários.

O referido documento enuncia ainda que se deve anular a insuficiência da mão de obra, dizimada pela guerra, com um melhor aproveitamento do trabalho que possa efectuar um operário, e para um maior rendimento da produção necessário é melhorar as condições morais e materiais do trabalhador.

Pelas disposições do novo projecto de lei, todo o assalariado terá direito, desde que o seu contrato de trabalho dure mais de um ano, a uma licença ininterrupta de 8 dias com vencimento. Se o contrato se prolonga por dois anos, ou mais, terá direito a uma licença de 15 dias nas mesmas condições. Seis meses assalados no emprego dão direito a uma licença de 4 dias com vencimento.

O assalariado em férias receberá, durante todos os dias da sua licença, uma subvenção correspondente ao salário dos dias normais, como compensação de todas as regalias que tenha de prescindir durante as férias.

Este projecto de lei desagradou ao patronato ganancioso, queixando-se o comércio e a indústria de que verá os seus encargos agravados. A própria Repartição Internacional do Trabalho recusa-se a discutir o assunto, conforme lhe havia pedido o governo francês.

«A BATALHA» no Funchal, vendida no Bureau de La Presse.

Câmara Municipal de Lisboa

A reparação dos pavimentos

Reuniu-se ontem em sessão ordinária a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa.

O vereador sr. Pinto Rodrigues chama a atenção do seu colega Almeida Santos para o abuso que se estava praticando por parte das companhias que tinham contratos com a câmara, levantando o pavimento das ruas e reparando depois por uma forma lamentável.

O dr. sr. Alfredo Guizado, referindo-se também ao assunto, diz constar-lhe que a Companhia das Águas não só fazia as reparações mal feitas como a câmara intimava os proprietários dos prédios mais próximos a pagar a despesa feita com o conserto dos pavimentos.

O sr. Almeida Santos esclarece que não era a câmara que fazia essa intimação, mas sim a Companhia das Águas, termina declarando que com respeito ao levantamento das ruas por parte das Companhias das Águas, Gás e Carros de Ferro, tencionava levar à próxima sessão da câmara uma proposta tendente a resolver o assunto.

Pelo sr. Almeida Santos foi aprovada por unanimidade uma proposta no sentido de se mandar colocar um marco foneatório em cada um dos sítios vulgarmente conhecidos por Casal Ventoso de Cima e Casal Ventoso de Baixo.

Leite puro

Pelo sr. Alexandre Ferreira foi apresentada uma proposta que foi aprovada por unanimidade e cujas conclusões são as seguintes:

1.º Que sem prejuízo da quantidade de leite que hoje é distribuído gratuitamente às crianças pobres da capital, seja permitida aos lactários municipais a venda do leite ao público, abrandando-se desde já a inscrição em cada Lactário das pessoas que desse leite queiram utilizar-se.

2.º Quando a quantidade de leite disponível não chegar para satisfazer as necessidades deste novo consumo, será feita a escolha pelos pretendentes que instrua as suas requisições com atestados ou prescrição médica, preferindo, em primeiro lugar, as crianças doentes.

3.º Que os Lactários cobrem em cada litro de leite assim fornecido a taxa de 20 centavos que acrescerá ao preço do custo à Câmara Municipal de Lisboa e que o produto dessa taxa, paga pelas pessoas de meios, reverta em benefício dos desprotegidos a quem os Lactários fornecem leite gratuito.

4.º Passar-se-ão nos lactários senhas quinzenais de distribuição diária de 0,5, 1 ou 1,5 litros de leite, que serão pagas aciantamente pelos portadores e que lhes conferirão o direito de levantarem esse leite em cada dia, nos lactários respectivos, durante as horas para as distribuições;

5.º Essas senhas do modelo anexo, serão em cada dia rubricadas pelas encarregadas dos lactários, por forma a evitarem-se fraudes;

6.º A falta de levantamento de leite, por parte do interessado, não lhe dará nenhum direito a reclamar;

7.º As senhas serão renovadas 5 dias antes de expirarem o prazo da sua validade que serão sempre de 1 a 15 e de 16 a 31 de cada mês;

8.º As encarregadas dos lactários comunicarão, nos dias 10 e 26 de cada mês, à Repartição de Assistência a quantidade de leite de que necessitam para venda da quinzena seguinte fazendo acompanhar esse pedido no livro de talões de senhas e da importância das inscrições;

9.º A Repartição de Assistência comunicará ao fornecedor até três dias antes de começar a quinzena, a quantidade de leite que este deve fornecer a mais com destino à venda.

Uma vítima das iras policiais

Vindo do Governo Civil, deu entrada no Hospital do Rêgo, onde ficou sob prisão, António Fonseca Santos, de 34 anos, natural de Porto Moço, serralleiro e residente no Alto do Varajão, rua Lopes, letra S, que, como noticiámos, foi, no dia 12 último, ferido com uma espadadeira pela polícia.

IMPRENSA

«O Anarquista»

A comissão organizadora da festa em benefício de «O Anarquista», a qual teve lugar ultimamente, necessitando fechar as contas, solicita de todos os camaradas e organismos que ainda não tenham liquidado os bilhetes que possuam, para fazerem urgentemente.

Prevenção

Aos canteiros e marmoristas do Algarve

Os canteiros e marmoristas de Tanger, Marrocos, encontram-se em greve. Os empreiteiros e mestres de obras daquela cidade marroquina, para derrotarem os grevistas e não os atender nas suas reclamações, pretendem enganar, em Faro e outras localidades do Algarve, operários daquelas especialidades para atraírem aquele movimento.

Previnem-se, pois, os canteiros e marmoristas do Algarve contra esta tentativa, os quais deverão recusar-se a atrair para os seus colegas de Tanger, no caso de pretendem contratá-los enquanto aquela greve persistir.

DENTES ARTIFICIAIS a 2500. Extracções sem dor a 1500. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 2000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

HOJE

Telef. T. 976

Teatro da Trindade

A sensibilibar peça de KISTEMAERS

A EXILADA

Protagonista:
LUCÍLIA SIMÕES

Ruidoso êxito
Artístico conjunto
Brilhante encenação

A mudança da hora

Nota oficiosa da Federação da Construção Civil aos sindicatos federados

Entrando em vigor amanhã a hora de verão que adianta a actual em 60 minutos, esta Federação lembra aos sindicatos que, por acordo firmado no ministério do Trabalho, em Abril de 1916, o horário de trabalho para os operários da indústria da construção civil, de amanhã em diante até 4 de Outubro, estabeleça a tomada do trabalho às 9 horas e a largada às 18 com uma hora para refeição, das 13 às 14 horas.

Pessoal do Município

Em virtude de no próximo sábado ser adiantada de uma hora, a hora oficial foi resolvido que o pessoal operário da Câmara Municipal de Lisboa que trabalha das 8 às 17 horas passe a trabalhar das 9 às 18 horas.

QUE «CHIC»...

A Administração Geral das Estradas e Turismo convidou as principais empresas espanholas da especialidade a apresentarem propostas de preço para o alcatroamento, por processos mecânicos, da estrada de Lisboa a Cascais, numa extensão de 12 quilómetros.

Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 12 às 13 horas; aos sábados, das 17 às 18 horas.

Encarregado de depósitos na Caixa Geral, cobradora de rendas e de todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de Balcada e Procuradoria na Rua do Carmo, n.º 43, s/l, frente

Exposição Internacional de Produtos Tropicais e Industriais

O governo português resolveu fazer representar as colónias portuguesas na Exposição Internacional de Produtos Tropicais e Industriais, que se realiza em Janeiro do próximo ano, tendo comunicado esta resolução aos governos das nossas províncias ultramarinas, para que sejam organizados os respectivos mostruários, que deverão ser acompanhados de folhetos em francês com todos os elementos ilustrativos, estatísticas, mapas gráficos e fotografias, mostruários que deverão estar em Lisboa o mais tardar até 30 de Outubro do corrente ano.

Queixas e reclamações

Mais uma da polícia

Queixa-se António Carneiro de que há dias, quando regressava a sua casa, no dia 8 de madrugada, foi agredido na rua dos Canos pelo guarda 953 da esquadra da Mouraria. Além de agredido ainda foi preso sendo presente no dia seguinte ao Tribunal dos Pequenos Delitos que, devido ao falso testemunho de outros guardas que acompanhavam o agressor nessa noite, o condenou ao pagamento de 110\$00.

E segue...

António Rodrigues Duran queixa-se também de que ontem, pelas 21 e meia horas, junto do Teatro Apolo, sem razão plausível foi barbaramente agredido pelo guarda n.º 1769, sinaleiro 2412, e outros guardas que passavam na ocasião, pelo que teve de ir receber curativo ao hospital de S. José.

A lista de agredidos é cada vez mais longa, sob as vistas complacentes das autoridades superiores, que parece se vangloriam da barbaridade dos subordinados.

A EXILADA

Brilhante espectáculo o desta noite na Trindade, pois se representa o emocionante drama A EXILADA em que Lucília Simões tem uma formidável criação.

INSTRUÇÃO

Ensino liceal

Reúne hoje, pelas 21,30 horas, na Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, avenida da Liberdade, 21, 1.º, a comissão delegada dos pais dos alunos dos liceus de Lisboa. Amanhã reúnem os pais ou encarregados da educação dos mesmos alunos, à mesma hora e local.

BICICLETAS

ELGIN

THOMAS

CHANDLER

RALEIGH

As melhores e mais acreditadas marcas de bicicletas

Armando Crespo & C.ª

Rua do Crucifixo, 118 a 124

Lisboa

Telef. T. 5474

A/S 8 314

TIVOLI

AMORES DE PRINCEPE

OU

O CARROUSSEL DA VIDA

Superprodução em oito partes com Norman Kerry e Mary Philbin

Buster Keaton (Pamplinas)

uma das suas últimas produções

Sherlock Holmes Júnior

Uma revista de actualidades

Um documentário de arte

Uma panorâmica portuguesa

Amanhã: «Matinée» de caridade

CARTA DO PORTO

Aproveita-se a distração do povo para o saquear em mais 6.000 contos

PORTO, 13.—Sucedeu o que se esperava: o empréstimo de 6.000 contos acaba de ser votado, por proposta dum vereador socialista, por 15 votos contra 6. A maioria conjuncionista tocou, freneticamente, a reunir, os esquerdistas perderam a campanha...

Mas também os esquerdistas tiveram as honras da sessão do Senado, de ontem. Isto é: a maioria *mayanista* deixou-os, condescendentemente, falar à vontade. E eles, os reis oposicionistas intransigentes, tamborilaram, com vengança, no empréstimo. Enquantos a «família» da conjunção segrada, intimamente, *reunida!* *eureka!*, os dominiguitos proclamavam irritadamente: «Eis o primeiro escândalo... monumental...» — sem piada, é claro, ao monumental relógio da Sé...

A conjunção, que, por assim dizer, fez greve de silêncio, deixando que os contradiutores desabalassem à vontade — não gostou muito da busca lançada, quer dizer: do apódo de escândalo... Pois se é uma gente tão casta!... Mais ainda a maioria *mayanista* se sentiu um pouco ferida, quando viu que o maioritário Luís Marques desafiou um pouco a charanga previamente ensaiada — desviando-se da música oficial e indo engrossar o coro «subversivo» dos protestantes contra o empréstimo...

Ingrato! Mas, enfim, a contrabalançar com aquela insignificante tristeza, fica este grande alívio: o empréstimo ter definitivamente passado... à custa de sacrifícios combinatórios... Foi uma longa metida em África, perdão! na Caixa Geral dos Depósitos...

O que ontem ficou demonstrado na sessão do Senado, é que os conjuncionistas pouco se incomodam com os ataques dos esquerdistas...? Que importa que eles digam que é uma incoerência contrair-se um pesadíssimo empréstimo de 6.000 contos, sem se reduzir o preço da luz eléctrica, como um jornal desta cidade prometeu, na sua campanha eleitoral contra o município esquerdistas, iria fazer-se, logo de princípio, mal os bonzos-nacionalistas-radical-socialistas assaltassem, pelo salto moral das urnas, as cadeiras da vereação? Para isto lá está a resposta-preguiça dada por um outro vereador socialista — José Ribeiro — ao sr. Freitas Soares: «Então ainda se fia nos jornais?»

O Primeiro de Janeiro, portanto, mentiu... por conveniência partidária... Se a boa pregação de Frei Tomás não tem valor...

«Que importa ainda que os «amados», os descontentes esquerdistas fiquem perpetuamente a bramar que o empréstimo já mais se deveria fazer sem que se esboçasse, por uma questão de decore, um plano de realizações que antecipadamente justificasse a voragem dos 6.000 contos? Para isto, lá está a resposta de um vereador maioritário, em nome da Comissão dos Serviços da electricidade, à qual pertence o proponente do empréstimo: «A Comissão compromete-se perante os municípios a, dentro do prazo de 2 anos, electrificar a cidade, incluindo as habitações betegosas do Barredo, para que deslumbradamente se enxergue os imundos despejos e os ratos e galos mortos que pululam pelos húmidos e esburacados pavimentos daqueles fétidos becos... E para reforço, lá estão também as declarações de voto de certos vereadores que aprovaram os «saques» dos 6.000 contos, fazendo votos para que eles sejam bem aplicados... bem empregados...»

Esta caravana-passou. Passou sem o público dar por isso, visto que ele, presente, ainda tudo absorvido na emocionante tragédia da indómita Maria Alves e no ódio que devota aos seus repugnantes assassinos. Boa ocasião esta de passar carros e carretas, atendendo a que o tema de todas as discussões é, em toda a parte, nas ruas, nos cafés, nas oficinas, em casa — o hediondo crime de Augusto Gomes.

C. V. S.

Isto é que é trabalhar...

Informam-nos da Arcada:

O conselho de ministros reuniu ontem na secretaria das Colónias das 11 às 15,30, apreciando assuntos pendentes das pastas da Guerra e do Interior e tomou resoluções sobre os trabalhos da missão para delimitação da fronteira do sul de Angola e da comissão liquidatória da dívida de guerra.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinoi. Preço 1\$50.

Teatro Avenida

HOJE HOJE

O APETITOSO

Pão de Ló

Em ensaios de vaudeville

O DR. DA MULA RUÇA

HOJE

E TODAS AS NOITES

o sacrosanto drama

O Mártir do Calvário

Esplêndido cenário

Artística interpretação

Teatro Nacional

HOJE — às 21 horas em ponto

A linda peça de CHARLES MERÉ

Tradução de JOSÉ SARMENTO

PROTAGONISTA: Ester Leão

Encenação do professor António Pinheiro

A DANÇA DA MEIA NOITE

CONFERÊNCIAS

«O actual movimento político da Índia»

O engenheiro sr. Fernando da Costa realiza no domingo, às 21 horas, na Universidade Livre, uma conferência sobre «O actual movimento político da Índia».

Esta conferência deve interessar, não só os orientalistas, mas todos os que se interessam pelo progresso das colónias portuguesas.

«As questões morais e sociais na literatura»

Na secção da Universidade Popular Portuguesa do Alto do Pina realizou-se ontem o dr. sr. Câmara Reis a sua 4.ª conferência da série subordinada ao tema «As questões morais e sociais na literatura». O conferente apreciou alguns trechos das obras de Zola, descrevendo o efeito malféfico das bebidas alcoólicas, especialmente nos trabalhadores, demonstrando que o abuso do álcool aliena, pouco a pouco, o homem, toda a vitalidade.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 29 desta revista intitulada *Maternidad*, de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Visitaram ontem o Jardim Zoológico mais de 800 crianças

Mais de oitocentas crianças das escolas primárias do Estado e subsidiadas pela Câmara visitaram ontem o Jardim Zoológico, sendo transportadas em carros eléctricos e acompanhadas pelos respectivos professores, que lhes deram explicações sobre a fauna e flora daquele jardim.

Compareceram ali, além do vereador do Pelouro de Instrução e Assistência, os alunos da Escola Agrícola de Paços, com a respectiva banda, que executou alguns números do seu vasto e interessante repertório.

A's catorze horas foi fornecido às crianças um lanche, tendo reinado entre os assistentes a mais franca alegria.

Desde o princípio do ano, e mercê dos esforços empregados pelo sr. Alexandre Ferreira, que a obra de assistência continua emprestando o melhor do seu carinho, têm visitado o interessante Parque alguns milhares de crianças.

A venda na administração de «A Batalha»

Cartilha do homem do povo... \$50

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforte... \$50

O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha... \$50

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva... \$100

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar... \$100

A Humanidade, por Taraf Javol... \$150

A questão das carnes

Pedem-nos a publicação do seguinte: Tendo a Comissão de Abastecimentos de Carnes aumentado ultimamente o preço da carne e encontrando-se na disposição de fazer um novo aumento e não havendo motivo que tal justifique, a União dos Comerciantes de Carnes Verdes convida todos os seus associados e mesmo aqueles que o não são a reunir em sessão magna, hoje, pelas 20 horas, no largo do Intendente, 35-1.º a fim de tratar deste momentoso assunto e manifestar o seu mais completo repúdio por tal aumento que muito vem prejudicar o público consumidor.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço \$100.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinoi. Preço 1\$50.

Teatro Avenida

HOJE HOJE

O APETITOSO

Pão de Ló

Em ensaios de vaudeville

O DR. DA MULA RUÇA

HOJE

E TODAS AS NOITES

o sacrosanto drama

O Mártir do Calvário

Esplêndido cenário

Artística interpretação

Teatro Nacional

HOJE — às 21 horas em ponto

A linda peça de CHARLES MERÉ

Tradução de JOSÉ SARMENTO

PROTAGONISTA: Ester Leão

Encenação do professor António Pinheiro

A DANÇA DA MEIA NOITE

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Nacional

«A dança da meia noite», de Charles Meré, tradução de José Sarmento

A mania, inveterada, nas empresas teatrais de dar no mesmo dia, duas e mais primeiras representações, fez com que só agora fôssemos assistir à primeira de «A dança da meia noite».

E' teatro de Charles Meré e isso basta para ter a certeza de que se trata duma peça construída segundo a melhor técnica teatral. Mão de mestre produziu todas aquelas cenas e a maneira como elas se ligam obedece sempre a uma bela lógica. São cenas sem notas forçadas, espontâneas, ligadas com a maior naturalidade. E' teatro que chega a captar a atenção pela providencial urdidura que o dirige e justifica. Não é «A dança da meia noite» um drama de situações empolgantes, nem de lances inesperados, e, assim, as suas melhores qualidades são também os seus maiores salientes defeitos. O espectador, nas peças de Meré, quasi colabore com o autor, adivinha o seguimento da obra, palpita as soluções, prevê os desenlaces. Tal circunstância se é o melhor elogio da obra, é também a anulação do inesperado, do imprevisto, condições que, em geral, fazem prender a atenção do público e que o obrigam a «discernir». Por isso Charles Meré, sendo o que se chama um bom «carpinteiro», está longe de ser um verdadeiro psicólogo. Reprodiz figuras da vida com que topamos a toda a hora, mas deixa-as entregues às suas naturais tendências, sujeitas às suas taras.

Nem sequer o espectador tem tempo para fazer o seu critério. «A dança da meia noite» é uma peça em que se chocam mais caracteres, em que colidem interesses abomináveis, e só uma pessoa se salva, a que está afinal fora daquele âmbito de desvergonha e de egoísmo. Esse papel encarna-o Valério de Rajanto com uma verdade e expressão a que ele achou bem imprimir um sentido romântico de dício, como que a dizer-nos que só em romantismo se compreendem caracteres como o dele.

Onde Valério de Rajanto atinge maior relevo é no penúltimo acto, quando transcena com Ester Leão. Esta actriz manteve a linha sentimental que o papel exige e em que há uma pontinha de perfídia. Ribeiro Lopes foi, como sempre sucede, o actor sóbrio, consciencioso, que toma a sério os papéis de que se encarrega. António Pinheiro, nome consideradíssimo do nosso teatro, tem no «Barão» um trabalho esplêndido, de força. Realizou-o com o seu talento e grande conhecimento de scena.

Isilda de Vasconcelos, actriz de quem se devia falar mais, fez interessadamente o terceiro acto. Os outros actores e actrizes em papeis secundários com correcção. O cenário do último acto alegre. A encenação acertadíssima. A tradução de José Sarmento hierárquia e teatralmente muito acessível.

Nogueira de BRITO

Novo teatro em Lisboa

Anuncia-se para o mês próximo, no Avenida Parque, a inauguração do Teatro Variedades, edificação confortável que se destina a espectáculos de género popular. A revista de abertura intitulase «Pó de Arroz» e apresenta-se sob o pseudónimo de Troianos, com música original e coordenada, do maestro Raúl Portela.

Reclames

Digna de registro a forma por que António Pinheiro interpreta na peça «A dança da meia noite» o banqueiro Reyhand. Ontem no Nacional, o seu trabalho no final do 2.º acto foi coroado de vibrantes aplausos.

No Avenida continua o apetitoso «Pão de Ló», imperando, tal é a graça e o espírito que os seus três actos estão revestidos.

A empolgante peça «O Mártir do Calvário», que tanta concorrência tem atraído ao Apolo, poucas mais representações dará. Retira de scena em pleno êxito, para subir à scena outra peça não menos sensacional «Os milhões dos criminosos». Hoje ainda se repete a famosa tragédia, em que se reproduzem os episódios mais culminantes da vida de Cristo, sendo para estes espectáculos vendidos os bilhetes sempre sem aumento de preços a qualquer hora do dia.

No Maria Vitória com o maior agrado e concorrência continua a repetir-se a revista «Foot-Ball», sempre em duas sessões e agora com as Robertson's Girls.

E' hoje o ante-penúltimo dia de especulções do grande ilusionista Raymond, que tem levado ao Coliseu dos Recreios sucessivas encontros tal o interesse e o brilhantismo dos seus sensacionais trabalhos. As últimas exhibições do grande artista estão sendo caracterizadas por uma grande variedade, pois Raymond capricha em apresentar o maior número possível de ilusões do seu enorme repertório.

MÚSICA

O concerto público que a banda de música da Brigada da Guarda Naval realiza hoje, das 14 às 15,30 horas, na parada do Quartel dos Marinheiros, tem o seguinte programa:

«Hail to Spirit of Liberty», Sousa; «Cruta de Fingal», abertura, Mendelssohn; «Dança Hungara», Messager; «Festa de Nupcias», Suite, Manente; I Movimento de alegria no povo, II Na igreja, III Festa em família; «Aubade Printaniera», Paul Lecombe; «Sansón e Dalila», selecção, Saint Saens; «M. des Petits Ligeurs», Nazaré-Aga.

Teatro do Ginásio

HOJE

A/S 9 112

O espirotooso

AZ

que está obtendo um legítimo sucesso

Protagonista:

PALMIRA BASTOS

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Covilhã—Teixoso

O juiz da Covilhã para agradar a um amigo cometeu uma tremenda injustiça

COVILHÃ—TEIXOSO, 13.—Piedade da Anunciação, Anibal dos Reis e José Gonçalves, respectivamente, filhos e genro de Josefa de Jesus Belizanda são donos e possuidores de um pequeno prédio rústico, no sítio das Hortas ou Poldras, no limite de Macinhadas de Belmonte, que confina do Nascente e Norte com caminho público, do Poente e Sul com Manuel Maia. Este prédio foi adquirido por compra feita a José Esteves, viúvo, proprietário, morador nesta freguesia. A compra foi legalmente feita pela referida Josefa Belizanda tomando imediatamente posse e registando na conservatória, posse que conservam. O sr. Francisco Manuel dos Reis, professor aposentado, morador em Lisboa, foi professor efectivo nesta freguesia durante mais de trinta anos, parte dos quais, viveu na companhia da referida Josefa como hóspede, despendendo a casa que o Estado lhe fornecia, para se estabelecer de todo na casa da Josefa. Chamava a isto, viver maritalmente com a referida Josefa.

Durante os anos deste viver é que a compra foi feita. Os malcizantes, que murmuram de tudo, e os caluniadores, diziam que queriam até que a Josefa de sorteinha comprasse o prédio com o dinheiro dela. Nos últimos anos deste viver o professor andou em demanda com Manuel Maia Aguiar, de Teixoso. Em resultado dessa demanda, o professor foi citado para pagar uma dívida que não pagou. O Maia Aguiar procurou bens para penhorar em Macinhadas. Nos encontros não penhorou coisa nenhuma porque não havia, mas, como era íntimo amigo do juiz de direito, da comarca da Covilhã, disse-lhe que o professor tinha visto com a Josefa, e que ela tinha um prédio.

O referido juiz, certamente para agradar ao amigo, mandou penhorar o prédio da Josefa só porque esta viveu maritalmente com o professor sr. Francisco Manuel dos Reis. Como esta penhora não passa de uma flagrante injustiça os atingidos pela insolita medida daquele juiz exigem que ela seja revogada. Se tal não se fizer, razão lhes assiste para acompanharem aqueles que asseveram que o juiz de direito da comarca da Covilhã se vendeu ao rico milionário que é o sr. Maia Aguiar, que reside alternadamente no Fundão, onde tem a melhor casa, e no Teixoso. Até se diz que a causa porque o juiz reside no Fundão, é que cabeça de comarca diversa daquela em que é juiz, é para não dar nas vistas a sua convivência de estreita amizade com o grande milionário que traz demandas nas suas mãos.

Como os efeitos da sua grande amizade ao milionário se vêem claramente, chegando a armar-se tramóias como esta — inventar-se uma região de terreno tapado que nem aberto jamais existiu! Só para satisfazer a ambição, o orgulho, a soberba do grande milionário, do seu querido amigo.

Se o juiz for tão ímpio que depois de ver a verdade, ainda tente esbulhar do pequeno torrão, que é tudo quanto possui a pobre Josefa e que tanto lhe custou a ganhar, então grande responsabilidade cairá sobre a sua cabeça de juiz de direito! Desejam os espoliados pela medida do sr. juiz continuar a viver honestamente, como têm vivido, de mãos limpas e consciência tranquila; mas se aquele magistrado persistir na sua maldade só em se esgotando a última gota do sangue que corre nas veias deixará os lesados de lutar em defesa da vida e do pequenino bocado de pão que querem tirar da boca à pobre velha que também é Mãe.—E

Mina de São Domingos

A reacção clerical está distendendo os seus tentáculos sobre o concelho de Mértola

MINA DE SÃO DOMINGOS, 14.—Até agora, a taberna em primeiro lugar, depois a política bajuladora e a questão da «Serra encravada» têm sido, após o advento da república, o que obsta à marcha deste povo tão manifestamente liberal quando do início da tirania republicana. Continuou como besta de carga a sentir sobre o dorso o peso inenunciável da escravidão; ali na Mina de São Domingos o mineiro avolumando um glosário macabro, ora sepultado no fundo da mina ou esmagado por uma vagoneta, ora estiolando-se a meio da vida por meio dos gases tóxicos e duma defi-

cientíssima alimentação, (quasi sempre pão e sardinhas) e estas mesmo muitas vezes putrefactas!

Neste momento que socialmente é de propagação da verdade, de definição de todos os mitos e religiões, neste momento em que os homens se dignificam pelo combate ao passado de opressão lutando por uma paz duradoura, os de sotaina e mitra, aliados aos da república, consumando a obra embrutecedora da taberna, aproveitam da ignorância popular da indiferença da maior parte dos revolucionários sociais para desenvolver a sua acção.

A hora que tomamos estes apontamentos, como se não bastasse para desviar os produtores de quanto lhes interessa o obscurantismo em que propositadamente os mandamos da sociedade os mantêm, correm os mais disparatados boatos de acções milagrosas que os «paus pintados» vão realizar. Propaganda-se que para os lados de Moreiras um santo anuncia a um pobre diabo, que em tempos o amarraram às patas dum suíno: «Tens de dar tantas voltas pelos cerros, bater tantas vezes com a cabeça nos torrões e ficar tão arranhado pelas faces, quantas voltas, quantas arranhaduras sofreu o santo que amarraste à pata do suíno».

Tão conhecidos são já os projectos dos padres e seus acólitos, que nos não restam dúvidas que se pretende reconstruir uma ermida completamente derruída—de onde foi retirado o «pau pintado» que o suíno escavacou—bem como pôr lá outro «santo» entre romarias e festança a que se prestam excelentemente os camponeses cheios de fome, desprovidos no seu lar do mínimo conforto, e os operários da mina, reduzidos, pelas condições do labor e pela coacção que a Empresa sobre eles faz pesar, à triste situação de escravos que os manequeiros da mesma empresa, empregados, chefes e capatazes (salvo raríssimas excepções) arrastam tão facilmente para uma eleitoral como para envergar a opa.

E' fla grante e ao mesmo tempo horrível este contraste:

Um professor, republicano nacionalista, de nome Barata, tem como mania o desenvolver a prática das festas religiosas. Nestas nem é necessário falar, pois são sempre as festas onde até os que não gostam... lá vão ter, só porque é festa, e o avanço da religião só por milagre!... E nós cá estamos para ver onde chega o poder dos «paus pintados». No entanto de volta ao seu lar o pobre illudido ainda julgando vestida a opa há de reflectir sobre esse poder grandioso... que o esfolta trabalhando, vendo os seus chorar com fome! Nem pão, nem instrução para os seus filhos, porque a magna jorna não chega, porque escolas não as há!... Gastaram-se muitos milhares de escudos na festança que já vai longe... outra porém já se prepara e é-lhe abandonando as suas reflexões, já a descobrir a verdade, para ir de novo a festa. Como tudo isto é obra do Santo Espírito, é de esperar o advento de mais festas neste concelho!

SOLIDARIEDADE

Pró-José da Conceição Brito

No Salão de Festas da Construção Civil realiza-se no domingo pelas 21 horas uma grandiosa festa da homenagem a José da Conceição Brito que se encontra doente, cujo programa é o seguinte:

«Céas dos pobres», drama em 1 acto, variações ao fado, pelo guitarrista Lomelino José Gil e seu violão António Bazilio, canções ao fado por diversos cultores e na ultima parte o guitarrista Agostinho da Silva e seu violão Carlos Silva farão ouvir um lindo repertório de variações ao fado.

Pró-José da Silva

Acaba de se constituir uma comissão de quatro camaradas que tencionam levar à prática um benefício em auxílio de José da Silva, que se encontra preso no Forte de Monsanto, Sector C.

Este operário que luta com dificuldades tendo a seu cargo uma companheira e duas filhinhas, merece que todos os operários conscientes o auxiliem, pois será uma prova de solidariedade aos mártires da liberdade. José da Silva é uma vítima do ódio policial, pois que sendo conhecido como militante juvenil, era sempre vítima quando das perseguições em massa ao operariado.

A comissão recebe o concurso de cégas de ou de cultivadores da canção, podendo dirigir-se ao Sindicato Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º. A comissão reúne hoje às 20 horas na Calçada do Combro, 38, A, 2.º, rogando-se a comparença de todos os camaradas que fazem parte da comissão.

MARCO POSTAL

Alvega—Manuel Inês—Recebemos postal. Seu filho ainda aqui não veio, mas a assinatura foi-lhe renovada com o Suplemento, conforme pede. Os três meses mais, findam em 16 de julho p. f.

AGENDA

CALENDARIO DE MARÇO

D.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S.																															
T.																															
Q.																															
Q.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S.																															

MARES DE HOJE
Praia-mar às 5,22 e às 5,40
Baixamar às 10,52 e às 11,10

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	—	—
Madrid cheque	2579	—
Paris, cheque	607	—
Suiza, cheque	3578	—
Bruxelas cheque	574	—
New-York, cheque	19555	—
Amsterdã, cheque	7584	—
Itália, cheque	579	—
Brasil, cheque	2575	—
Praga, cheque	558,5	—
Suécia, cheque	5524	—
Austria, cheque	2577	—
Berlim, cheque	4567	—

ESPECTÁCULOS

TEATROS
São Carlos.—A's 21,30.—«A Rosa do Adro», Nacional.—A's 21.—«A dança da meia noite», São Luiz.—A's 21.—«Roma galante», Trindade.—A's 21,15.—«A exilada», Ginástico.—A's 21,30.—«O Azar», Politeama.—A's 21,30.—«O Pão de Ló», Maria Vitória.—A's 20,30 e 21,30.—«Foot-Balls», Itália.—A's 21,15.—«O Mar do Calvário», Coliseu dos Recreios.—A's 21.—Raymond, Saldão 50.—A's 21,15.—«A exilada», Cinema Iluminado (a Graça)—«Espectáculos às 3,30», sábados e domingos com matinees.
Lendas Parque.—Todas as noites. Concertos e divertimentos.
CINEMAS
Tivoli.—Olympia.—Central.—Condes.—Chilão Terrace.—Ideal.—Acro Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tertice.—Cine Paris.

PEDRAS «METAL AUER»
PARA ISQUEIROS
VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Duzia \$40; 100, 2580; mil, 25500
Pedra grande, duzia, \$80

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

DIVISÃO DO MATERIAL E TRACÇÃO

Concurso para venda de aparas de madeira

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita até ao dia 24 do corrente propostas para a venda das aparas de madeira produzidas nas suas oficinas. As condições para este concurso estão patentes na Repartição dos Armazéns da Divisão do Material e Tracção todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 15 às 18 horas. Lisboa, 8 de abril de 1925.—O Director Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mesquita.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—«Empresa Literária Fluminense, Limit.»—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A' venda na administração de «A Batalha».

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-maltusianas.....\$50

O sentido em que somos anarquistas.....\$30

A peste religiosa.....\$40

A liberdade.....\$50

A internacional (música e letra).....\$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 88

FATOS completos e sobretudos

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde 129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobretudos, feitos e por medida

Abatimentos para revenda

170, RUA DA BOA VISTA, 172

A' VENDA A 9.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 paginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Renovação

Revista grafica

A 1 e 15 de cada mês

Preço esc. 1\$50

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de A Batalha. Aquele camarada fixou o preço de 15\$00.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Telefone N. 5353

Medicina: coração e pulmões—Dr. Armando Norcio—A's 9 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Villar—A's 9 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—A's 9 horas.

Felle e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Málio de Matos—A's 9 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Málio Quinteira—12 horas.

Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—A's 9 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—A's 9 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—A's 9 horas.

Tratamento de diabéticos—Dr. Ernesto Roza—A's 9 horas.

Poca e dentes—Dr. Armando Lima—13 h.

Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—A's 9 horas.

Raios X—Dr. Alex Saldanha—4 horas.

Análises—D. Gabriela Beato—4 horas.

À ÚLTIMA HORA

Acabam de chegar ao DEPOSITO DA COVILHÃ

Rossio, 93, 1.º—Lisboa

GRANDES remessas de peças de ricos estambres melados, pretos e azuis para FATOS e SOBRETUDOS e riccas casimiras de fantasia.

Bons sarjas, gabardins para vestidos de senhora.

Vendas directas da fabrica ao publico.

Tem ja feitos e fazem-se por medida fatos, sobretudos e alfatos para senhora com a maxima perfeição e rapidez.

Manda amostras para a provincia e ao domicilio. Tem alfaiate, lido confundi: o Deposito da Covilhã e no

Rossio, 93, 1.º—LISBOA

Telefone Norte 4663

SALVADOR BARATA, L. DA

Fabricantes dos Alvaides marca «GAIVOTA» e únicos depositários do

«PÓ RODRIGUES»

O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.

A' VENDA em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS

FERRAGENS E FERRAMENTAS

CUTELARIAS E TALHERES

LOUCA ESMALTADA

GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS

REDE E PREGARIA

Telefone C. 2890

VIANA, REIS & NUNES, L. DA

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrínaria, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 paginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

livro util ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 5\$0.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

ESPELHOS

Aos melhores preços

Aven. Almirante Reis, 24-A

TELEF. N. 4060

Baixa de Preços

Calçado, fatos, fazendas, chapéus, mobílias, relógios e novidades de verão, só na acreditada «casa de vendas

A PRESTAÇÕES, sem fiador

Rua António Pedro, 52

ACABARAM-SE AS BARATAS FORMIGAS E OUTROS INSECTOS

USANDO O PÓ INSECTICIDA «AGUIA»

A' venda em todas as drogarias

Deposítários: CARLOS DE OLIVEIRA, L. DA

Rua Pascoal de Melo, 83-85

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

HORÁRIO DOS COMBOIOS

14.º Aditamento ao Cartaz-horário D. 171

Linha do Norte

Por motivo da alteração da hora legal francesa, a partir de 19 do corrente a marcha do comboio n.º 58 (Sud-Express) anunciada no cartaz-horário D. 171 é substituída pela do comboio n.º 54 cuja marcha também se indica no mesmo cartaz.

Lisboa, 9 de Abril de 1925.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Policlinica do Rato

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º

Telefone 1-200 Norte

Dr. Julio Gonçalves—10 horas: Boca e dentes.

Dr. António Monteiro—11 horas: Clinica geral, senhoras, crianças e partos.

Dr. Lourenço Raimundo—15 e meia: Rins e vias urinárias.

Dr. António Fernandes—15 e meia: Medicina geral e doenças nervosas.

Dr. João Saraiva—15 e meia: Doenças dos olhos.

Dr. João de Morais Sarmento—16 horas: Ginecologia e operações.



Solidariedade aos jovens sindicalistas presos ou perseguidos

Tese a apresentar ao II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas.
Relator: Manuel Viegas Carrasçal

De muita necessidade é também estudar-se a forma.

Como deve ser prestada a solidariedade

Se é certo que a prisão iguala os homens no sofrimento que causa a perda da liberdade, também não é menos certo que entre os presos há uns mais necessitados do que outros.

E senão exemplifiquemos: 1.º Um preso está exausto de recursos, mas é absolutamente só, de forma que só necessita ter o suficiente para prover à sua subsistência. Outro na mesma situação, possui mulher e filhos, que em virtude da prisão de seu marido e pai não têm que comer. Qual dos dois deverá receber maior auxílio?

Decerto que o último. Mas suponhamos que o preso que tem mulher e filhos, por qualquer circunstância, vive desafortunadamente. Neste caso, deverá receber maior auxílio o que a esposa não tem família a sustentar, está exausto de recursos.

Por esta razão e por outras que não enumero, não devemos estabelecer de antemão uma quantia fixa e igual para todos os presos, tanto mais que as possibilidades que existem entre nós de prestar solidariedade não são estáveis, melhorando numa semana para piorar noutra e vice-versa.

Também o princípio de cada um segundo as suas necessidades, por ser o mais racional, é consequentemente o mais consentâneo com o nosso ideal.

Tais são as razões fundamentais da tese que vos apresentamos e que nos foram a propor ao II Congresso das Juventudes Sindicalistas da Região Portuguesa a seguinte *Modificação do Regulamento da Caixa de Solidariedade* e que eu julgo aprováveis depois de o discutir com serenidade e critério:

Sede da Caixa de Solidariedade, sua cotização e fins

Artigo 1.º—A Caixa de Solidariedade da F. J. S. terá a sua sede onde for a da Federação das Juventudes Sindicalistas e manterá delegações em todos os N. J. S. da Região Portuguesa.

Art. 2.º—A Caixa de Solidariedade fará parte integrante da F. J. S. e funcionará dentro deste organismo.

Art. 3.º—A Caixa é constituída por todos os filiados nos Núcleos da Juventude Sindicalista.

Art. 4.º—A Caixa tem por fim:
a) auxiliar os jovens sindicalistas presos ou perseguidos por razões inofensivamente emergentes da questão social;
b) auxiliar as viúvas ou órfãos resultantes da mesma questão social.

Da Administração

Art. 5.º—Para administração da Caixa será nomeado pelo Congresso um secretário que fará parte do Comité Federal da F. J. S.

a) o secretário da Caixa terá dois secretários adjuntos, um para a Zona Norte e outro para a Zona Sul;

b) os dois secretários adjuntos serão nomeados pelo Conselho Federal e deverão fazer parte;

c) o secretário e os adjuntos constituem a Comissão Central de administração da Caixa de Solidariedade da F. J. S.;

d) o tesoureiro da Caixa será o da F. J. S. e terá apenas voto consultivo nas reuniões da Comissão Central;

Art. 6.º—A Comissão Central é competente para verificar quais os presos ou perseguidos que devem ser auxiliados e a quantidade de auxílio a prestar;

§ único. A Comissão Central deverá proceder sempre com o máximo escrupuloso e imparcialidade, tendo sempre em atenção o espírito da tese sobre solidariedade aprovada no II Congresso da Mocidade Sindicalista da Região Portuguesa.

Art. 7.º—A Comissão Central será responsável perante o Conselho Federal da F. J. S. de todos os seus actos a quem submeterá todos os casos em que se suscitem dúvidas;

§ único. O Secretário da Caixa apresentará ao Congresso o relatório circunstanciado da sua gerência.

Art. 8.º—As delegações serão administradas pelas Comissões Administrativas dos N. J. S. e agirão de acordo com a Comissão Central.

Art. 9.º—As delegações enviarão mensalmente para a Comissão Central um mapa do seu movimento associativo com as respectivas descargas.

Art. 10.º—A Caixa logo que esteja em condições de o fazer, enviará para as delegações a importância que julgar necessária para o momento;

a) A Comissão Central no envio de fundos para as delegações deve ter em conta a acuidade das perseguições governamentais enviando fundos, primeiro para as localidades mais susceptíveis de ser atingidas e em ordem decrescente até chegar a todos;

b) As delegações assim que efectuem qualquer pagamento com o dinheiro enviado pela Caixa, devem officiar para a Comissão Central para que esta envie a importância retirada.

Art. 11.º—Os sócios da Caixa têm por dever:

a) Conservar em dia a sua cotização;

b) Prestar à Comissão Central e Comissões Administrativas das delegações todos os esclarecimentos reputados necessários para o bom desempenho das funções da Caixa;

c) Participar à Comissão Central qualquer irregularidade de que tenham conhecimento no respeitante à função da mesma.

Deveres e direitos dos sócios

Art. 12.º—Os sócios três meses depois de inscritos e quando em pleno gozo dos seus direitos, terão direito a um auxílio compatível com as posses da caixa quando:

a) Presos por razões averiguadamente emergentes da questão social;

b) Quando perseguidos pelo mesmo delito;

c) Quando ao serviço da causa fiquem impossibilitados de trabalhar;

d) Quando mortos em serviço da causa deixem desamparados quaisquer indivíduos que estejam a seu cargo receberão estes o auxílio atribuído ao morto.

§ único. Aos pensionistas a que se refere a alínea d, ser-lhe-á retirado o auxílio, desde que melhore a sua situação;

e) Quando presos por questões sociais ser-lhes-á também paga a carceragem, desde que o sindicato onde for filiado não lhe pague.

Fundos da Caixa

Art. 13.º—As receitas da caixa serão constituídas por:

a) 15 centavos semanais e por associado incluídos no selo-cota da F. J. S.;

b) 20 % da receita líquida de qualquer festa levada a efeito pelos N. J. S.

Artigo 14.º—A Comissão Central poderá quando o reconhecer necessário, e depois de apresentar ao Conselho Federal um parecer, para este elaborar um *referendum* aos Núcleos, lançar uma cotização especial a todos os associados, incluída também nos selos-cotas.

Artigo 15.º—A Caixa de Solidariedade não começará a fornecer subsídios antes de passados três meses após o Congresso e só o fará depois de devidamente habilitada a fazê-lo.

Artigo 16.º—Qualquer sócio que esteja atrasado no pagamento de cotas mais de um mês, não terá direito a qualquer subsídio.

Artigo 17.º—São isentos do pagamento de cotas os sócios que se encontrem sem trabalho, doentes ou em greve prolongada.

Artigo 18.º—Em qualquer caso que porventura seja omitido por este regulamento, resolverá o Conselho Federal da F. J. S.

Artigo 19.º—Este regulamento só poderá ser alterado por um Congresso da Mocidade Sindicalista ou mediante um *referendum* que valerá pelos Núcleos que responderem no prazo de um mês.

Artigo 20.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Disposições gerais

Artigo 15.º—A Caixa de Solidariedade não começará a fornecer subsídios antes de passados três meses após o Congresso e só o fará depois de devidamente habilitada a fazê-lo.

Artigo 16.º—Qualquer sócio que esteja atrasado no pagamento de cotas mais de um mês, não terá direito a qualquer subsídio.

Artigo 17.º—São isentos do pagamento de cotas os sócios que se encontrem sem trabalho, doentes ou em greve prolongada.

Artigo 18.º—Em qualquer caso que porventura seja omitido por este regulamento, resolverá o Conselho Federal da F. J. S.

Artigo 19.º—Este regulamento só poderá ser alterado por um Congresso da Mocidade Sindicalista ou mediante um *referendum* que valerá pelos Núcleos que responderem no prazo de um mês.

Artigo 20.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 21.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 22.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 23.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 24.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 25.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 26.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 27.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 28.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 29.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 30.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 31.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 32.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 33.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 34.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 35.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 36.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 37.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 38.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 39.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 40.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 41.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 42.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 43.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 44.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 45.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 46.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 47.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 48.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 49.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Artigo 50.º—Este regulamento terá apenas a tese que se lhe refere.

Moçambique continua sendo teatro das mais infames atrocidades do Alto Comissário e seus sequazes

Lourenço Marques, Março. — Conforme prevíamos na nossa correspondência anterior, a greve ferroviária teve o seu desfecho com a apresentação dos primeiros três ferroviários que se não dispuseram a resistir até final.

Diante das enormes violências que foram levadas à prática e pelos martírios infligidos a uma classe tão valorosa, outra coisa se não poderia esperar do que a sua rendição, visto que os homens que estão com o poder nas garras, se dispunham a vencer muito embora perdessem a província e arrastassem todos na perda.

Dos 650 ferroviários grevistas, somente serão admitidos 200, tendo, até agora, como demonstração do grau de patriotismo que é necessário exaltar, sido preferidos os estrangeiros!

Está para breve a chegada ao porto de um barco conduzindo operários mauricianos com os quais o governo de Azevedo Coutinho fechou contratos atraentes e que redundará na miséria dos operários nacionais que ficarão sem os seus empregos.

Nas oficinas e tracção, está-se fazendo a escolha minuciosa e só uma meia dúzia de grevistas deram ingresso no trabalho como assalariados.

Na classe do movimento e guindastes, quasi todos foram admitidos devido aos chefes daqueles serviços não possuírem intencional rancorosos como Oliveira Cabral, chefe de tracção e oficinas, que, para desforço das acusações que lhe foram feitas, prefere brincar com a existência de 400 famílias que terão de se ver a braços com a miséria.

Alfredo Teixeira de Oliveira Cabral, o conhecido apontador da exposição do Rio de Janeiro, tem agora ocasião de se vingar dos vencidos, aproveitando-se da inépcia de Azevedo Coutinho e da estupidez de Bartolomeu Severino que permitem um desforço tão cobarde.

Lourenço Marques está presenteemente na mão de meia dúzia de indivíduos que, espalhando o terror e obrigando à obediência, não permitem que a liberdade de pensamento se apresente, para condenação de actos que repugnam a todos.

A mínima manifestação popular é reprimida pela prisão dos que se salientem e os jornais que atacam a situação são diariamente ameaçados da sua suspensão.

Ou crês ou morres! É a divisa do governo de Azevedo Coutinho que, apesar de dar a greve como vencida, continua com as prisões cheias de ferroviários que querem trabalhar, e que ele os não liberta, para continuar com a prática do vago-fantasma, até ao mês de Junho do corrente ano!

O jornal da União *The Star*, acusou as autoridades de terem dado tratos inquisitoriais aos presos, no comissariado de polícia, com o fim de lhes arrancar imaginárias confissões, de serem os autores do descarrilhamento ao quilómetro 7.

Acusa a autoridade de fazer permanecer durante 68 horas de pé, o grevista Pedro Marreiros, que ficou com os pés numa desgraça e, quando estava prestes a ser acometido por uma sincope (acrescentamos nós) a polícia ria a bandeiras despregadas e julgava isso um fime!

Pedro Marreiros foi levado para a enfermaria e aí se certificaram estar de facto bastante doente.

José de Sousa Arcaujo, vítima dos mais brutais pontapés no ventre, pode alegar o que sejam os verdadeiros processos democráticos para obrigar à confissão do que a polícia queira.

Saú o *Imparcial*, jornal de que é director o dr. Archer da Silva e que em tempos, a quando da nomeação de Azevedo Coutinho para Alto Comissário, fez a afirmação pública de que nós viríamos a ser os seus «miseráveis».

Tendo-lhe sido dado um osso para esbrigar, mudou de opinião e vem no seu jornal a desmentir as alegações do «Star» quando toda a gente sabe serem verdadeiros os maus tratos dados aos presos.

Os ferroviários pediram em tempo devido para que deixassem a população ir certificar-se da verdade, ao que as autoridades responderam com uma incommunicabilidade rigorosa.

Garanto ao proletariado de Portugal e a Liga Portuguesa dos Direitos dos Homens que, nas masmorras da polícia, foram conservados de pé durante 68 e 70 horas, os servos Pedro Marreiros e Regueira de Carvalho e que o primeiro foi acometido de uma sincope e ficou com os pés em miséria estado.

Que José de Sousa Arcaujo, não lhe sendo respeitado o seu estado de doença, foi num dia em que estava com um purgante vítima dos mais brutais pontapés no ventre.

Estas declarações foram prestadas ao juiz do crime, quando estes transitaram para a cadeia.

Destes actos de selvajaria, tiveram conhecimento os srs. comissário de polícia, que pessoalmente chegou a levantar um cavalo-marinho para Pedro Marreiros, e o director da investigação criminal, dr. Maldonado, que estava ao facto das barbaridades ali praticadas.

Não podendo o nosso espírito admitir uma liberdade pautada em folhas de papel, até essas mesmas liberdades que são garantidas pela Constituição foram aqui cercadas ao povo de Moçambique.

Está no poder o partido democrático e enquanto ele se conservar, podemos estar absolutamente convencidos que jamais raia a liberdade em Lourenço Marques.

A opinião pública foi banida, e quando muito, é-lhe garantida a sua liberdade desde que não ataque em simples conversa as violências que estão sendo cometidas.

Saú também um periódico denominado *Jornal*, editado pelo padre Manuel da Cruz Boavista, que servirá de testa de ferro aos artigos rancorosos de Oliveira Cabral e Avelar Ruas.

Ali se aconselha o governo a praticar as maiores violências e a deportação dos elementos avançados que porventura existam em Lourenço Marques.

Padre Manuel da Cruz Boavista, que tem um passado negro como a roupa que em tempos envergou, dedicou-se ao comércio ultimamente metes-e a aconselhar mais violências que as levadas à prática.

Ao padre em questão, faz-lhe sombra os que possuem carácter para a acusar como um dos maiores elementos da *Santa Religião*

e cujas provas são as inúmeras menores da raça negra, a quem ele tão bem ministrava as doutrinas cristãs...

A todos estes agentes do mal, não convém de forma nenhuma que em Lourenço Marques existam indivíduos com carácter e que saibam reivindicar os seus direitos e apresentar à opinião pública os que erram e os que roubam.

Dai o seu ódio de morte para com os trabalhadores que ele vem de festejar a derrota.

Em resumo: Lourenço Marques continua «debaixo de um regime de puro absolutismo e onde só podem dar cartas os indivíduos que abaixo descremimo:

Vitor Hugo de Azevedo Coutinho. Bartolomeu Severino. Santana Cabrita. Figueiredo Lima. Américo Pereira (O Belchior). P. Boavista. Archer da Silva. Avelar Ruas. Oliveira Cabral. Raúl do Amaral. Craveiro Lopes. Jorge de Figueiredo.

Há ainda oitenta e oito comparsas, contados minuciosamente pelos dedos e que se impõem ao povo de Moçambique como sendo deuses da Lei e da Justiça.

Quem quiser transitar sem risco de ser preso, tem que ter amizades (embora hipócritas) com algum destes senhores que presentemente dominam, calcam e vergastam, uma população ordeira e tolerante.

Se as Colónias Portuguesas se fizeram para contrariar estrangeiros para os lugares de operários portugueses, e estes ficaram a morrer de fome, então dê-se liberdade aos que estão presos e deixem que eles vão para o Transvaal onde são bem desejados os seus serviços.

Diga-se quando se quiser falar verdade que o patriotismo é o bordão onde todos os abutres dedilham quando se preparam para a rapina.

Assim estará certo.—C.

CRISE DE TRABALHO

Operários sem trabalho e licenciados das obras do Estado

Reúniram-se ontem os operários licenciados das obras do Estado e associados sem trabalho. As comissões procuraram as entidades que superintendem nas obras dos edifícios públicos, assim como nos monumentos nacionais. Sobre os edifícios públicos continua o ministro do Comércio a ter a proposta de reforço de verba em seu poder, não a tendo apresentado ainda ao parlamento. Sobre os monumentos nacionais a comissão foi informada de que será publicada hoje, no *Diário do Governo*, o decreto para a reabertura desses trabalhos.

As comissões procuraram hoje o sr. Adão Bermudes a fim-de o entrevistar sobre as obras dos monumentos nacionais. Suspendeu a sessão às 12 horas, para reabrir hoje, às 10 horas.

Casas Económicas da Ajuda
O ministro do Comércio apresentou ao Parlamento uma proposta de lei para a liquidação das Casas Económicas da Ajuda, de harmonia com outra já apresentada pelo ministro das Finanças e de acordo com o voto emitido pela Comissão de Orçamento da Câmara dos Deputados.

O sr. dr. Gaspar de Lemos assinou um decreto dissolvendo a respectiva comissão administrativa e mandando entregar a continuação das obras do mesmo bairro à Administração Geral dos Edifícios Públicos e Monumentos Nacionais, até o Parlamento se pronunciar.

Operários inválidos das Obras do Estado
As comissões que têm tratado da situação dos operários sem trabalho procuraram ontem, o presidente do Senado e os senadores Herculano Galhardo e Ramos da Costa a fim-de tratarem da situação dos inválidos das Obras do Estado por motivo de ter sido presente no Senado a proposta de lei que reforma estes operários.

Serventes de estuador associados
A Secção Profissional dos Serventes convidou todos os camaradas serventes de estuador associados a comparecer hoje, às 20 horas, na sede do Sindicato Único, para tratarem de um assunto de alta importância.

NA POLÓNIA
VARSOVIA, 12.—Os comunistas tentam ontem, mas sem êxito, provocar em Lwów manifestações entre os sem trabalho. A polícia dispersou os grupos de manifestantes sem fazer uso das armas.—(H.)

Secção Telegráfica Federações

VINICOLA
Sindicato de Gaia.—Adão: Envia o label o mais rápido possível. Dirigiemo-nos onde sabem, mas não conseguimos falar; voltamos segunda-feira. Enviem exposições o mais rápido possível.

JUVENTUDES SINDICALISTAS
Núcleo de Faro.—Esperem delegado da comissão organizadora na estação, domingo, às 9 da manhã. Segue officio.

Núcleo de Vila Real de Sto. António.—Comissão Administrativa: Esperem delegado na estação, domingo, às 15 horas. Aguardem officio.

Núcleo de Portimão.—Comissão Administrativa: Esperem delegado na estação, segunda-feira, às 13 horas. Devem receber officio.

Núcleo de Messines.—Comissão Administrativa: Esperem delegado na estação, terça-feira, no comboio que vem de Faro a tarde. Devem receber officio.

Núcleo de Graça do Divo.—Segue officio da comissão organizadora, respondam urgentemente.

Núcleo de Silves.—Recebemos officio e a comissão organizadora vai ver se consegue que o delegado passe por aí. Segue expediente.

Núcleo do Porto.—Respondam ao nosso officio.

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje pelas 21 horas o conselho confederal.

Camara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Em virtude de reunir hoje o Conselho Confederal, a reunião do Conselho Geral da C. S. T. marcada para hoje, fica adiada para amanhã, às 20,30 horas, com a ordem de trabalhos já publicada.

COMUNICAÇÕES

Pessoal do Município. — Comissão Administrativa.—Reuniu ontem e tomou conhecimento duma assembleia dos fiscais do município, sobre sede, falaram em se instalar nos seus gabinetes. Atendendo a que todo o trabalho de organização, tende à unificação das forças com que possamos contar, a comissão aguarda quem de direito da parte dos fiscais, a fim-de os receber de braços abertos.

—Apreciou o facto do cobrador Manuel José, se queixar de que Luis Rabicho pretende proibir-lhe de fazer cobrança no local onde esse indivíduo dirige operários. Caso se dê essa afronta ao Sindicato, uma comissão irá procurá-lo a fim-de lhe perguntar as razões do seu procedimento.

Comissão de Melhoramentos.—A comissão, acompanhada de numerosos militantes avistou-se ontem com a minoria socialista a quem fez entrega das circulares impressas sobre as nossas reclamações.

O vereador Mário Silva, prometeu todo o apoio, declarando que estando para se fazer a reorganização de serviços, do assunto da circular só podia tratar na sessão do Senado, na parte que se refere ao imediato pagamento do aumento de salário. Porém fazendo parte da comissão reorganizadora de serviços contassem também com o seu apoio nas reclamações sobre os cantoneiros, guardas e pessoal de higiene. Quanto ao pessoal provisório que achava justa a reclamação para que passassem a efectivar, pelo que no Senado pugnar por essa aspiração da Associação. Hoje, vai a comissão à Câmara para se entender com outros vereadores e apresentar-lhes as circulares.

CONVOCAÇÕES
REUNEM-SE HOJE:
S. U. C. Civil.—Conselho de secções.—Pelas 20 horas, para tratar de um assunto urgente.

S. U. da Construção Civil.—Secção do Alto do Pina.—A comissão administrativa, às 21 horas.

A comissão revisora de contas, às 21 horas.

Pintores de Construção Naval e Anexos.—Pelas 20 horas, a direcção para tratar de assuntos urgentes.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.—No domingo pelas 15 horas, os delegados ao Congresso Federal para ratificação das actas.

Federação Corticeira Nacional.—Reúne no próximo domingo, o conselho federal, na sua sede em Muteia.

Os assuntos a tratar são importantes, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados.

Liga dos Officiais da Marinha Mercante.—Reúne amanhã, às 15 horas, a assembleia geral.

SINDICATOS DA PROVINCIA
Câmara Sindical do Trabalho do Porto.—Reuniu terça-feira passada o Conselho Geral desta colectividade, estando representados os seguintes organismos: Sindicatos Unicos Metalúrgicos (Porto e Gaia), Têxteis, Construção Civil, Vestuário e Mobiliário; Liga das Artes Gráficas e Associações dos Litógrafos e Confeiteiros. Também estavam representados os metalúrgicos de Crestuma.

Lidas e aprovadas as actas das duas últimas sessões, é lido o expediente:

Uma credencial do S. U. M., acreditando como delegado o camarada Manuel Cardoso, e um officio da Associação dos Marítimos da Foz do Douro, comunicando que, em virtude do seu precário estado financeiro, se vê forçada a ter, de temporariamente, suspender a sua ligação com a respectiva organização operária representada na C. S. T.

Marcelino Pedro, secretário geral, informa já ter-se avistado com os camaradas dirigentes daquele organismo, junto dos quais empregou toda a sua acção possível, no sentido de se aplainar todas as dificuldades. Depois de, sobre o assunto, usarem da palavra vários delegados, fica resolvido que a C. A. trate este caso de harmonia com os interesses gerais da organização.

E' apreciado ainda um officio do N. J. S., manifestando a sua opinião